



ISSN: 2176-5960

Προμηθεύς

Journal of Philosophy

n. 46 Setembro - Dezembro de 2024



Dossiê Mulheres na Filosofia

Apresentação

Quando pensamos a tradição filosófica nos deparamos como uma longa e profícua história da filosofia escrita exclusivamente por homens filósofos. Dentre os livros de Histórias da Filosofia, como a *História da Filosofia Ocidental* de Bertrand Russell, e coleções de obras clássicas de filosofia, como a célebre *Os Pensadores*, não figura nenhuma mulher. Isso significa que nunca existiram *Pensadoras*? A resposta a essa pergunta por muito tempo foi negativa e a ideia de que as mulheres não haviam lidado com a filosofia, seja porque estivessem devidamente detidas em seus afazeres domésticos, ou porque nunca foram reconhecidas como boas o suficiente — nem moralmente, nem intelectualmente — para se consagrarem filósofas, sempre perpassou o discurso sobre a inexistência de mulheres filósofas. Mesmo em tempos mais recentes e com o reconhecimento incontornável de mulheres como Simone de Beauvoir e Hannah Arendt, parece haver, em um certo lugar na comunidade filosófica, uma dificuldade em reconhecer essas mulheres como filósofas. No caso de Beauvoir talvez isso se deva ao fato dela ter cunhado uma filosofia claramente feminista, o que também é sintomático, embora Arendt¹ (que não se dedicou a temáticas feministas) não tenha ficado imune a tal apontamento.

Por vezes tem-se a tendência de pensar a história por um viés positivista, acreditando que houve melhora na ordem das coisas. A filosofia, sobretudo no que diz respeito à Ética e à Filosofia Política, frequentemente nos lembra que essa tendência pode estar equivocada e que sempre poderá haver uma nova corrente filosófica disposta a negar o caráter filosófico de correntes que pensam seus objetos filosóficos por perspectivas diferentes. Teria acontecido o

¹ Arendt não escreveu sobre feminismo, o que não necessariamente a impediu de pensar as mulheres. Sobre o tema ver “Repensando a questão das mulheres a partir do pensamento político de Hannah Arendt” de Nathalia Rodrigues da Costa e Nádía Junqueiro Ribeiro. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v27i1p33-48>

mesmo em relação às mulheres filósofas? É difícil responder essa pergunta de forma definitiva.

É possível afirmar com segurança que as filósofas existiram, que perpassaram a história da filosofia. Interessa-nos, nesse sentido, vasculhar o passado - e o presente - em busca das mulheres que existiram, contribuíram e foram deixadas à margem dessa história contada por filósofos.

Falar em mulheres na filosofia tomando o gênero como uma especificidade poderia ou deveria soar estranho se consideramos a academia como um ambiente imparcial a quem só interessa, ou a quem só deveria interessar, as contribuições genuínas de pesquisadores suficientemente dedicados. No caso das mulheres filósofas, não poderia ter havido engano maior. Procurar aquelas que supostamente nunca existiram não é uma tarefa fácil. Embora sempre tenha havido aqueles dispostos a registrar os exemplos de mulheres extraordinárias, termo normalmente utilizado para indicar papéis masculinos executados por mulheres, reconhecer algum tipo de equidade de gênero, seja ela física, moral ou intelectual, parece mais difícil de se constatar historicamente. Nesse sentido, um movimento recente que vem ganhando robustez a partir do esforço de, em sua imensa maioria, pesquisadoras interessadas em compreender a filosofia dessas mulheres que foram invisibilizadas ao longo do tempo pelo fato de serem mulheres. O movimento de recuperação das filósofas invisibilizadas ao longo da história da filosofia não parece, à primeira vista, ser regular ou progressivo. Esse interesse parece acompanhar os passos às vezes mais acanhados e por vezes mais explícitos dos movimentos feministas, embora não coincida com eles.

Embora os movimentos feministas não necessariamente coincidam com os feminismos, não se pode deixar de reconhecer que foi a segunda onda do movimento feminista que impulsionou o movimento da recuperação de mulheres intelectuais invisibilizadas ao longo da história. Durante algumas décadas esse trabalho trouxe à tona muitos textos de filósofas nunca identificadas e menos ainda reconhecidas pela tradição. Estudar as traduções feitas a partir dos anos setenta, aprofundar as análises, agregar textos de outras filósofas ainda sem tradução, ainda desconhecidas mesmo para quem se interessa pelo tema, reconhecer o trabalho filosófico das mulheres que estão vivas e trabalhando é dar continuidade ao movimento que quer conhecer, estudar e valorizar as mulheres na filosofia. As mulheres na filosofia existem, sempre existiram. São expressão contrária a uma força esmagadora que tende a suprimi-las pelo simples fato de serem o que são: mulheres filósofas.

Nesse sentido, este dossiê pretende ser uma contribuição ao movimento de trazer à tona mulheres invisibilizadas na filosofia e dar voz às pesquisadoras que voltaram suas investigações filosóficas aos vestígios deixados ao longo do tempo por outras mulheres filósofas. Essas reflexões são trazidas aqui de diferentes maneiras. Partimos do discurso misógino que atravessa a história e, como não poderia deixar de ser, a história da filosofia. **Flávia Benevenuto**, em seu artigo intitulado “*Mulheres na Filosofia do Renascimento: Lampejos de Resistência*”, aborda um período que muito se dedicou a pensar igualdade e liberdade política e questiona quão pouco esse debate se estendeu às mulheres do período. Assumindo como referencial teórico a historiadora do Renascimento Margaret King investiga as questões próprias do período pela perspectiva das mulheres, sobretudo as demandas e aspirações femininas. A partir disso questiona em que medida o Renascimento viabilizou a inclusão de mulheres no espaço público e no debate filosófico. Em diálogo com essa ideia, o texto de **Natália Tavares Campos**, “*Laura Cereta: em defesa de uma ‘República das Mulheres’*”, dedicado ao pensamento de uma filósofa do Renascimento, questiona se seriam as mulheres notáveis e intelectualmente talentosas exceções à regra. Volta-se ao gênero epistolar e à carta de Laura Cereta, humanista do século XV, para analisar o argumento da filósofa em defesa do direito das mulheres à educação e seu recurso à imagem de uma espécie de árvore genealógica, uma longa e nobre linhagem de mulheres célebres, que apontaria para a existência de uma república das mulheres documentada e constituída historicamente.

Mariana Dias Pinheiro Santos investiga o tema da liberdade sexual e política das mulheres nas luzes britânicas a partir de uma investigação dos escritos de Bernard Mandeville e Delarivier Manley. Seu trabalho, “*Liberdade política e sexual das mulheres no iluminismo britânico*”, analisa como o primeiro reconhece a desigualdade entre os sexos como artificial, embora essa conclusão não pareça ter maiores consequências para o autor. Já a segunda autora, que também reconhece a artificialidade das desigualdades, fornece uma chave para compreender a dinâmica de poder existente entre os sexos e as diferentes consequências de tal dinâmica para a reputação. Em outra linha de investigação, ao se dedicar a uma filósofa do século XIX **Mariana Lins Costa**, em seu “*Anarquismo segundo Voltairine de Cleyre*”, aborda a concepção multifacetada do anarquismo oferecida pela pensadora política e militante anarquista Voltairine de Cleyre que, por sua vez, procura conciliar a unidade da luta e dos princípios com a multiplicidade das formas de ser, dos modos de agir e individualidades várias que são sempre únicas e levam sempre à mudança.

Halina Leal, em seu “*Lélia Gonzalez: filósofa e feminista negra brasileira*” nos dirige ao século XX e aos movimentos feministas negros que impelem à busca de mudanças, liberação e de superação do sexismo, racismo e classismo presentes em distintos campos da sociedade, inclusive no campo filosófico. O texto questiona se a filosofia, tal como apreendida em sua história, reserva algum lugar para o não-homem, para o não-branco. Indaga se a filosofia reserva algum lugar para as mulheres negras e qual é a situação que encontramos quando direcionamos o nosso olhar para a filosofia e para os feminismos negros brasileiros. Tendo em vista pensar o debate atual **Renata Dias Ribeiro**, em seu artigo “*Patricia Hill Collins e a Noção de Interseccionalidade: Contribuições para uma Teoria Social Crítica*” apresenta, em um primeiro momento, uma noção de interseccionalidade a partir da obra de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge. Para tal, considera o percurso histórico de tal noção, bem como sua estreita relação com o feminismo negro a partir da ancoragem que esta noção fornece à tradição feminista negra no Brasil. A despeito da heterogeneidade do termo *interseccionalidade*, é possível não apenas extrair um entendimento geral, mas também assimilar essa heterogeneidade como uma vantagem em relação a outras propostas de leitura crítica do social, o que destaca a coerência que uma teoria feminista de construção participativa exige. Em um segundo momento, a pesquisadora aborda a interseccionalidade como teoria social crítica, considerando a disputa epistemológica para indicar o que caberia nesse “guarda-chuva” conceitual no campo da teoria crítica.

Ao se dedicar a investigar o pensamento de uma filósofa viva **Yasmin Alcantara Galvão Pereira**, em “*Corpo e senioridade: pensando limites éticos não bio-lógicos com Oyèrónké Oyěwùmi*” parte da defesa que *Oyèrónké Oyěwùmi* faz de que o gênero é uma categoria criada socialmente para abordar a relação entre o corpo e a ética na cosmovisão e na cosmopercepção. Sua investigação perpassa a bio-lógica, raciocínio corporal, somatocentralidade e senioridade, pois, com a apresentação destes conceitos é que se conclui como cada cultura cunha seus liames éticos. Por fim, e indo ao encontro do debate que acontece no Brasil em nossos dias. **Juliana Aggio**, em seu “*Pela democratização radical da filosofia*”, evidencia a complexidade da atual situação da filosofia acadêmica no Brasil ao especular as razões da exclusão estrutural de mulheres, negros e indígenas. Para ela, a mudança pressupõe um processo de democratização radical da filosofia acadêmica que demanda políticas de ação afirmativa, mudança de critérios na seleção da pós-graduação e em concurso docente e transformações estruturais no ambiente de formação em filosofia por meio de uma reforma curricular mais ampla e inclusiva e um combate diário às atitudes

racistas e sexistas de seus membros de modo a torná-lo menos agressivo, competitivo e opressor.

A organizadora

Flávia Benevenuto

Revisão:

Mariana Dias Pinheiro Santos e

Renata Dias Ribeiro